

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA CIDADE E DO CAMPO**

MARIA BOA: A ALMA DA CIDADE DO NATAL

ELIANE PATRICIA PESSOA

**NATAL/RN
2004**

ELIANE PATRICIA PESSOA

MARIA BOA: A ALMA DA CIDADE DO NATAL

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de especialização em história da cidade e do campo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria da Conceição Fraga.

**NATAL/ RN
2004**

MARIA BOA: A ALMA DA CIDADE DO NATAL

ELIANE PATRICIA PESSOA

BANCA EXAMINADORA

PROFª D^{ra} MARIA DA CONCEIÇÃO FRAGA (ORIENTADORA)

1º MEMBRO

2º MEMBRO

**NATAL/ RN
2004**

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª Dra. Maria da Conceição Fraga, grande incentivadora, creditando-me sempre a sua confiança e apoio fundamentais;

Ao Prof. Dr. Hélder do Nascimento Viana, pelo incentivo e incondicional ajuda na composição da história da cidade;

À Prof^ª Aurinete Girão colaboradora de sempre;

Aos professores do curso de especialização;

Aos entrevistados, personagens ou observadores atentos da história;

Aos colegas de curso partícipes de angústias e avanços;

Aos amigos queridos que de várias maneiras contribuíram para a realização deste trabalho.

A vocês que me presenteiam

com amor todos os dias:

Marinalva e José Luiz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 DA HISTÓRIA DAS MULHERES À CIDADE CORTESÃ	10
1.1 Revisitando os caminhos da prostituição na construção historiográfica	10
1.2 Natal: uma cidade cortesã	21
2 A ALMA DA CIDADE DO NATAL	27
2.1 <i>Maria Boa</i> : a alma da cidade do Natal em 40	27
2.2 Um cotidiano de pecado	31
3 (DES) FAZENDO A VIDA	36
3.1 Dilemas da prostituição em Natal	36
3.2 Des (fazendo) a prostituição depois de Maria Boa	41
CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA	48

INTRODUÇÃO

Analizamos Natal nos anos quarenta buscando compreender o cenário social estabelecido. Ao *olhar* a cidade, nos deparamos com uma formação urbana posta sob o signo do militarismo. A presença estrangeira identificada por ocasião da cessão de um espaço em Parnamirim, destinado à construção de uma base aérea, que constituiu um momento de intenso desenvolvimento da cidade, foi marcada pelo afluxo de dinheiro e pela adoção de novos comportamentos.

Ao refletir sobre Natal à época da Guerra não poderíamos deixar de ressaltar as mudanças ocorridas nesta cidade. Modificações que marcaram a geografia urbana como a *pista* que posteriormente seria denominada BR-101 proporcionando a ligação entre Natal e Parnamirim num gasto de tempo consideravelmente menor. Transformações sentidas também no campo das atitudes, as quais sugerem uma modernidade inspirada no norte-americanismo que tomou conta da cidade.

A cidade do Natal tornou-se uma extensão de Parnamirim vivendo efusivamente a guerra. Esse *modo americano* de vida implicava na modernização da cidade através do incremento das casas comerciais, dos cinemas, dos clubes, dos bares e da opção principal em relação ao divertimento que consistia nas boates conhecidas naquela época como *pensões alegres*. Difícil contar a história da cidade durante a Segunda Guerra sem referenciá-las.

Ao pensar nessa cidade quase *militar* que tinha como centro o bairro da Ribeira representado pelas ruas Doutor Barata e Tavares de Lira não poderíamos deixar de expressar o sentimento dos contemporâneos da guerra que enxergavam as mudanças como símbolo do progresso.

Contudo, a Cidade Alta, bairro de moradia da elite da cidade, comportava o mais famoso lugar de *diversão* da noite natalense: a boate chamada de *Maria Boa*. Cujo nome foi inspirado em sua proprietária Maria de Oliveira Barros.

Essa boate que surgiu na década de 40 e ganhou renome internacional, era o lugar preferido por ricos comerciantes, políticos locais e altos oficiais estrangeiros que para lá se dirigiam em busca de diversão. Neste lugar, trabalhavam mulheres rigorosamente selecionadas para atender a exigentes gostos. A boate acompanhava a dinâmica da economia urbana, na qual a entrada de dólares se fazia sentir de forma diretamente proporcional.

Para situar o fenômeno da prostituição debruçamo-nos sobre a literatura de Margareth Rago¹ que analisa o papel social da mulher à luz da concepção anarco-sindicalista pontuando a sua difícil trajetória entrecortada em nome do projeto social da elite dominante. Nesta reflexão demonstra-se que frágeis limites separam a *mulher honesta* da *não-honesta*. A fronteira criada pela elite dominante baseia-se num padrão de mulher que assume os papéis de *esposa-dona-de-casa-mãe de família*.

Assim, estar fora desse modelo implica necessariamente compor o outro padrão que consistia no desvio, no desregramento, ou melhor, na prostituição. A impossibilidade de fugir dos modelos socialmente construídos acabava por relegar à mulher a condição de guardiã do lar excluindo-a da participação em outras esferas da vida social.

Sandra Pesavento² constrói uma análise do espaço urbano na perspectiva de uma segregação geográfica. No processo de construção dos distintos caminhos tomados pelos

¹ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

atores sociais foram construídos modelos a fim de diferenciar a *boa sociedade* dos *transgressores*. De acordo com esta análise, o *bem* e o *mal* possuem feição. Para identificá-los basta *olhar para seus rostos, ouvir as suas palavras e sentir o seu cheiro*.

Assim, a *boa sociedade* é aquela que habita o centro e não circula no lugar dos transgressores. Com isso, aqueles que habitam os lugares *distantes, íngremes e sujos* são considerados por esta *boa sociedade* a *personificação do mal*. Nesta categoria são enquadradas as prostitutas situadas como pessoas de *comportamento desviante* e, por isso, merecedoras do submundo e da exclusão.

Para a composição do texto recorreremos também a entrevistas de caráter qualitativo das profissionais do sexo que atuaram na boate *Maria Boa*, além de outros empregados que exerceram diferentes funções no estabelecimento e de personalidades da sociedade natalense que freqüentaram o local. Para apresentar os depoimentos usaremos nomes fictícios para as trabalhadoras do sexo a fim de preservar as suas identidades. Optou-se trabalhar com a nomenclatura *boate* para designar o local numa perspectiva menos estigmatizante.

Além das fontes citadas, ocupamo-nos da apreciação de documento constituído numa reclamação trabalhista das profissionais do sexo que trabalharam na boate *Maria Boa*, da análise de leis da constituição brasileira (Art. 5º, art. 6º, art. 7º, art. 170 e art. 193) e da lei da CLT(Consolidação das Leis Trabalhistas) em seu artigo 477. De material áudio-visual composto pelo filme *For All*, pelos documentários intitulados de *imagem sobre imagem* e *Natal durante a Segunda Guerra Mundial*, além de inúmeros textos dos quais alguns serviram à construção do arcabouço teórico, além de prestarem-se a responder outras questões.

Para nortear esta pesquisa algumas indagações constituíram-se fundamentais suscitando reflexões sobre os limites da prostituição: o cenário urbano no qual desenvolveu-se a boate *Maria Boa*; como esse estabelecimento estava constituído; o cotidiano nesse espaço; o desenvolvimento das relações sociais entre as trabalhadoras do sexo, com os clientes e a proprietária; além dos conflitos vivenciados pelas mulheres que lá trabalharam.

Para responder a essas indagações analisamos a partir da literatura os limites que envolvem a prostituição. Apresentamos a contextualização espaço-temporal do surgimento da boate. A partir disso, estabelecemos uma análise acerca do pensamento das trabalhadoras do sexo sobre a boate e a profissão. Investigamos dilemas nas visões do sexo como forma de prazer e o sexo como forma de prostituição.

Na estrutura do trabalho, apresentamos três capítulos, no qual o primeiro constrói uma reflexão acerca dos limites da prostituição e busca contextualizar a cidade do Natal como cenário para a expansão do exercício desta atividade.

O segundo capítulo trata de estabelecer a origem e o cotidiano da boate como fatores importantes para a compreensão desse espaço como *diversão*.

No terceiro capítulo, buscamos apresentar os dilemas da profissão relacionados às dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras do sexo para exercer a sua atividade. Construimos uma análise das trajetórias de vida trilhadas pelas mulheres com o fechamento da boate.

1 DA HISTÓRIA DAS MULHERES À CIDADE CORTESÃ

Neste capítulo, propomos apresentar uma leitura acerca da condição social das mulheres na transição dos séculos XIX e XX analisando a interferência dos valores socialmente construídos para o estabelecimento dos limites do que foi denominado de prostituição. Adiante, buscaremos apresentar a cidade do Natal à época da Segunda Guerra tendo as boates da cidade como centro da *diversão* masculina.

1.1 Revisitando os caminhos da *prostituição* na construção historiográfica

A prostituição feminina tem sido um tema bastante citado nas produções científicas. Contudo, isso tem ocorrido, em muitos casos, de forma a classificá-la como um fenômeno facilmente identificável, posto que enquadrado num modelo determinado ou, até mesmo, próprio das mulheres de uma condição social menos favorecida. Tal abordagem demonstra a lacuna existente nesta reflexão que exclui outros fatores importantes para a caracterização do fenômeno. Assim, construiu-se a emblemática figura da pobre mulher, vítima da prostituição.

Apesar do predomínio da pobreza nas causas deste fenômeno, não pode ser encarado como uma sentença absoluta que responde a toda a realidade acerca dos motivos da prostituição. A partir desses questionamentos foram formuladas indagações como: o que leva uma mulher a desenvolver tal atividade? Por que os fatores de ordem econômica apresentam-se tão consistentes para explicá-la? O que pode ser enquadrado como prostituição? Qual o limite estabelecido socialmente para identificar a existência da

prostituta e da não-prostituta? Em que consiste a prostituição de acordo com a realidade específica?

Todas essas perguntas refletem inquietações de caráter relevante que se apresentam plenamente favoráveis à pesquisa científica. Contudo, a partir das leituras dos textos, tornou-se clara a idéia da pobreza como um componente bastante considerável. Partimos da idéia de que a pobreza não pode ser concebida como componente único, ou principal, das causas deste fenômeno social omitindo um conjunto de fatores de complexidade maior que a esfera estritamente econômica. Requer uma reflexão mais profunda para melhor explicá-la.

Assim, os valores e a necessidade de auto-afirmar-se para superar os padrões impostos, tornam-se também objetos de análise, precisando ser considerados a fim de se obter uma análise mais coerente da questão. Aceitar a explicação simplista de que a carência econômica explica a prostituição implica aprisioná-la numa camisa de força, submetê-la a um único modelo, negar a existência daquelas mulheres que mesmo tendo considerável condição social ingressaram na atividade. É necessário analisar os processos sobre os quais são definidos os valores e o estatuto da prostituição. Assim, torna-se importante compreender os sujeitos sociais que definem a prostituição, quais os referenciais culturais que são utilizados para caracterizá-la.. Para se compreender a prostituição moderna é necessário se refletir sobre a nova classe que se impôs no mundo contemporâneo. Assim, é a partir dessas reflexões que a pesquisa busca construir uma resposta às indagações formuladas.

Partindo da reflexão européia sobre o fenômeno da prostituição nos séculos XIX e XX, fez-se uma tipologia das prostitutas francesas apresentando desde a mulher de condição mais miserável àquela de condição mais abastada enfatizando como motivo para o

ingresso na prostituição o fator econômico³. Assim, é possível demonstrar que mesmo aquelas que possuíam uma condição financeira confortável buscavam aumentar a sua renda praticando tal atividade. Esta interpretação continua atribuindo a explicação para a prostituição ao aspecto econômico, ao tomar o ganho como razão para o ingresso nesta profissão. Desse modo, torna-se evidente a ausência de uma outra motivação que considere admitir a mulher como uma pessoa racional, capaz de fazer escolhas, transgredir os modelos impostos, ultrapassar os limites estabelecidos pelo imaginário burguês. Analisando o imaginário burguês, é possível afirmar que a mulher de comportamento considerado desviante não tem lugar na sociedade moderna do novo século XX.

A prostituição vista de acordo com o pensamento corrente no século XIX expresso por Charles Albert era encarada como “a chaga por onde vaza o pus social”.⁴ Esta frase demonstra de forma clara o entendimento da época sobre a prostituição, considerada uma ferida por onde deveria escoar os atos de *degenerescência social*.

Rago⁵, analisando o processo da prostituição no Brasil no final do século XIX e início do XX, afirma que nem mesmo o pensamento de tendência anarco-sindicalista fugiu totalmente da lógica burguesa, apesar dos anarquistas apresentarem uma retórica libertária e progressista para a época, concebendo a mulher como alguém com plena capacidade para racionalizar a sua vida, para ingressar no mundo do trabalho fabril, para integrar o espaço público, mas nem por isso abandonando a crença na função procriadora da mulher. Esta mulher era vista como guardiã, vigilante da casa, dos interesses dos filhos e do marido. Enfim, era indispensável ao lar.

³ ADLER, Laure. *Os bordéis franceses, 1830-1930*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991.

⁴ Idem, p. 13.

O estabelecimento de modelos de condutas e papéis femininos esbarrava nas lutas femininas contra a opressão masculina e em favor da construção de um papel social da mulher como agente de transformação. No entanto, seria preciso muita coragem para transpor os padrões burgueses impostos, e que, ao final, tornavam-se aceitos pela própria classe operária, grupo que defendia entusiasticamente a libertação feminina do jugo opressor masculino.

O discurso libertário perdia-se na ação. Na prática, o caminho para a conquista de igualdade de direitos tornava-se cada vez mais tortuoso. Havia muita ambivalência de idéias, pois para os libertários, a mulher deveria ocupar o seu lugar no mercado de trabalho, mas sem esquecer-se da casa. Ainda existia o medo da concorrência feminina no mercado de trabalho⁶, uma vez que esta mão-de-obra estava bastante requisitada, em função dos baixos salários pagos. Além disso, havia a camuflada intenção de ter a mulher de volta ao lar para cumprir o seu papel de esteio da família e da construção de uma sociedade melhor.

Diante dos modelos sociais estabelecidos buscou-se caracterizar o perfil da mulher "honesta" que era aquele representado pela dona-de-casa-esposa-mãe-de-família. dedicada, laboriosa, fiel, paciente, afetuosa e assexuada. Deveria praticar o sexo apenas para a perpetuação da espécie, já que nessa sociedade não havia espaço para o prazer feminino. Em contraposição à mulher vista como exemplar, o pensamento burguês criou a figura da mulher desregrada, que tinha como características a preguiça, o vício em álcool, jogos e sexo. Onde esta se utilizava sempre da mentira e das intrigas. Essa mulher andava pela contramão porque abortava, não queria se casar. Assim, a moral burguesa tratou de classificá-la como transgressora, prostituta. Era preciso equilibrar-se na corda estreta, pois

⁵ RAGO. Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

qualquer passo mal dado poderia jogá-la no submundo da desonra, na desmoralização, e uma vez lá, o retorno ao mundo dos bons era praticamente impossível.

Nesta ordem, tudo que estivesse fora dos padrões estabelecidos era transgressor. Assim, a noção da prostituição é cristalizada nesse período, baseada na crença do pecado, do medo de pecar, de sentir prazer, de aspirar à realização pessoal, de pensar, de contestar, de não querer a maternidade, nem o casamento, a vida regrada, a obediência ao pai, ao marido e ao Estado.

Rago analisa um estudo realizado em 1873 que procurava definir como causas da prostituição a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, o desprezo pela religião, a falta de educação e moral, o temperamento erótico, e a ida a ambientes inadequados como os bailes.⁷ Em meio a esse diagnóstico, os reformadores sociais procuravam encontrar uma justificativa social para a prostituição buscando responder a questão do porquê tantas mulheres ingressavam nesta atividade. Será que a condição econômica explicava e até certo ponto justificaria essa prática considerada suja, imoral e anormal? Nesse sentido, a necessidade e a privação prestaram-se ao papel de justificar a prática da prostituição, afinal, faziam parte da luta pela sobrevivência.

Mesmo considerando-se a brutal discriminação sofrida pelas prostitutas, a sociedade conseguia uma explicação dentro da sua lógica perversa, na qual para aqueles que trabalhavam estava reservada a conquista do sucesso e da prosperidade, enquanto, aos preguiçosos, a exclusão, a miséria, a prostituição. Para os sociólogos positivistas a prostituição é explicada não como uma opção, mas como o resultado de um processo social causado pela miséria. A prostituta é aquela que não dispende de condições para se manter

⁶ RAGO. Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*.

⁷ Idem.

procura a prostituição. A própria concepção anarco-sindicalista das causas da prostituição estava baseada na idéia da pobreza como geradora. Ao encontrar uma justificativa social para o fenômeno, a sociedade burguesa poderia conviver *melhor*, ou seja, de forma cômoda e hipócrita, negando sua responsabilidade dentro do abismo social que constrói e alimenta e que, em certa medida, favorece a prostituição. Indo além, encobre a imposição à mulher de um papel no qual ela se anula e passa a viver em função da família, perdendo a consciência de si, de seus desejos e da construção de um projeto pessoal de vida.

Além de toda a responsabilidade que a sociedade burguesa atribuiu para a mulher, existe também o grande peso da culpa, que a atormenta, que a subjuga e a imobiliza, que emperra, em muitos casos, o seu processo de luta para decidir o seu próprio destino, para encarar o preconceito, para negar os paradigmas construídos em sólidas bases pela classe dominante. A batalha não era unicamente contra a sociedade, mas, sobretudo no âmbito interno, da consciência, da resistência criadas em razão dos valores incutidos ao longo da vida. Assim, o medo do novo freou muitos projetos, fez perder-se pelo caminho de construção de novas formas de encarar a mulher na sociedade a essência da luta pela autoafirmação. Muitas mulheres foram massacradas por mostrar os seus ideais. Foram acusadas de loucas, pervertidas, desprovidas de qualquer senso moral, degeneradas. Essa foi a saída encontrada pela elite dominante para calar, para provocar o descrédito nessas mulheres que ousaram enfrentar as imposições à mulher do seu tempo. Mas não houve o silêncio esperado, pois embora que de forma espontânea, difusa e não-organizada, as mulheres continuaram a construção de sua trajetória.

Do outro lado, a concepção burguesa engendrava mecanismos para combater os comportamentos insubmissos, na tentativa de ir abrindo o caminho para triunfar a concepção da mulher como a *rainha do lar*, aquela incansável na tarefa de guardar e zelar a

felicidade dos filhos e do marido. Embora que, para isso, ela deixasse de existir como pessoa, que renunciasse aos seus objetivos e aspirações pessoais. Era preciso que a mulher assumisse o tipo imposto para ela determinado pela sociedade vigente. O que implicava na aceitação dos valores da honestidade, da privacidade, laboriosidade, de uma vida regrada e dessexuada, posto que o sexo era socialmente aceito somente para a procriação.

Pesavento, em *Uma outra cidade*, analisa um conjunto de elementos da cidade de Porto Alegre no final do século XIX, dentre os quais a prostituição, enquanto problemática convencionada como própria da marginalização social do espaço urbano. Nessa perspectiva, busca demonstrar como duas cidades são sobrepostas num único espaço geográfico. A partir de um conjunto de elementos define cada uma destas cidades, dando-lhes características próprias que as delimitam. Nessas cidades superpostas há o lugar da *moral* e dos *bons costumes*, mas também o lugar do desregramento e da degenerescência. Nesta segunda geografia urbana e social, na qual as ruas e os becos figuram como a origem do caos, se estabelece espaço para as práticas consideradas pela *boa cidade* como degradantes, as quais apresentam a prostituição como um modelo. As mulheres que transitam nessa geografia da exclusão imposta pela classe dominante são caracterizadas como oriundas das classes baixas que residem nos lugares mais distantes, íngremes, fétidos e úmidos. São sempre suspeitas, pois moram e trabalham no lugar da exclusão que foi entendido pelos donos do poder como imoral, desprovido de dignidade.

Criaram-se tênues limites, quase invisíveis, para delimitar quem era *gente de bem*, ou do *mal*; quem era a *prostituta* e a *mulher regrada*. Os socialmente favorecidos, logo trataram de estabelecer critérios para distinguir os considerados honestos daqueles tidos como degenerados. Esses critérios baseavam-se nos valores dessa sociedade que se propunha higiênica, moralizadora, cidadã. Mas, dentro dessa sociedade de pessoas

respeitáveis, havia práticas que analisadas mais de perto sugerem, de algum modo, que essas pessoas transitavam do seu espaço social para o espaço dos excluídos constantemente. Esta permissividade e a adoção de uma moral mercantil pode ser presenciada nas atitudes das filhas da classe burguesa que se casam por interesse. Neste aspecto, a mulher degenerada que sobrevive da prática do sexo por dinheiro se diferencia da mulher que casa por dinheiro para garantir a condição social.

Ainda de acordo com Pesavento, no final do século XIX, a concepção social da prostituição que predominava tinha esta atividade como própria de mulheres que não apresentavam condições para se manter. Essa afirmação realça o que foi afirmado de que a prostituição é vista como uma consequência da escassez de condições materiais para se viver. Ademais, ignora a necessidade de olhar o entorno, ou melhor, a gama de outros elementos a serem considerados para responder sobre as causas e a feição que assumiu a prostituição.

A historiografia local sobre a prostituição apresenta escassos estudos, contudo, destaca-se o trabalho monográfico de Rasland Luna que colabora com a tese de que a prostituição em Natal entre 1940 e 1950 advém de fatores sociais ligados à pobreza: *vindas de camada social pobre, elas tinham na prostituição, um meio de fuga para sua condição de pobreza, na qual muitas delas ajudavam as famílias no sustento do lar.*

Esse relato corrobora a afirmação da pobreza como causa da prostituição e denuncia o crédito à pobreza pela escolha da profissão de prostituta. Mesmo diante da complexidade da questão é preciso trazer à tona as suas outras facetas. Posto que elas existem e não devem ser ignoradas. Para analisar os outros vértices da questão é preciso rever a formação dos valores cimentados na sociedade burguesa, a sua concepção de mundo. Refletir sobre o que se entende por prostituição numa sociedade que atribui à mulher e a prostituta uma

extenuante condição opressora. Olhar a prática que discrimina e condena aquela que vende prazer em troca de dinheiro. Ao passo que aceita aquela que *caça* maridos para lhe assegurar estabilidade material. Cabe perguntar o que justifica para o primeiro caso o designativo de prostituta, ao passo que, no segundo exemplo, torna essa mulher merecedora da aprovação social.

Deste modo, uma análise mais profunda da prostituição implicaria no despojamento, até certo ponto, de valores cimentados em nossa construção social para que pudéssemos adentrar no universo de situações que apresentam as causas da prostituição. Ademais, implicaria numa redefinição do conceito de prostituição. Onde essa nova forma conceitual deveria revestir-se de ética. Concepção, aliás, rechaçada quando a temática prostituição é tratada. Esta discussão deve prescindir do partidarismo utilizado pela elite, embora saibamos que quase toda a discussão é realizada a partir da construção desse grupo. Esta elite apropriou-se do direito de discutir e de definir a prostituição. Criou representações marcantes quase intransponíveis em nossa sociedade. O grande desafio é construir uma nova forma de entendimento da prostituição evitando julgamentos de um grupo social sobre outro. Assim, os limites nítidos que são apresentados seriam amenizados possibilitando uma nova interpretação diversa da existente. Provocando uma reflexão dos paradigmas que se consolidaram ao longo do tempo e que criaram, por exemplo, cargas de preconceitos humilhantes para as mulheres como a utilização de expressões do tipo: *bando de buliçosas codornizes, erradias aves de arribação, levadas do diabo, mulheres vadias, raparigas de vida airada e de duvidoso viver, mulher de vida fácil*, conforme listou pesavento.

Mais uma vez, Rago procura compreender o processo e os agentes que constituem a mentalidade sobre a prostituição, que a classifica como uma ameaça à integridade da família e ao cerne da pirâmide social, que a encara como a origem da desordem social,

tomando a prostituta como a *encarnação* do mal, a destruidora de lares, da *ordem* social. Importa lembrar que o foco da discussão não implica na construção de uma justificativa do fenômeno da prostituição, mas em demonstrar o seu limite sob pena de encará-la como o *elemento* de desagregação social, posto que existem inúmeros componentes sociais responsáveis por tal situação.

Talvez isto ocorra em razão da idéia corrente de que as mulheres estavam sempre na origem das brigas como motivadora e provocadora. Nesse sentido, Pesavento demonstra o papel da comunicação na consolidação desta mentalidade de conflitos. Nos jornais de fins do século XIX figurava a idéia da mulher como alguém desprovida de racionalidade, afeita apenas para resolver as *simples*⁸ tarefas domésticas e as inquietações de ordem sentimental. Assim, todo este processo ideológico é responsável por alienar a mulher das decisões da sua própria vida, cabendo ao homem o papel de gestor da trajetória feminina. Essa cristalização do poder masculino acontece de modo bastante nítido, através das figuras do pai e do marido. A própria educação feminina visava formar as mulheres para cuidar unicamente da casa, do marido e da família. Àquelas que pudessem estudar deveriam fazê-lo apenas para ganhar instrução a fim de tornarem-se uma companhia mais interessante aos maridos.

Desse modo, negava-se à mulher o direito de exercer a cidadania, de aspirar à ocupação de cargo administrativo, de integrar o espaço público. Buscava-se infantilizar a mulher, apresentá-la frágil e desprotegida.

⁸ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *História da vida privada no Brasil*: São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.

Entretanto, conforme observa Rago, a moral burguesa não consegue controlar todas as práticas sociais. Nas primeiras décadas do século XX os anarquistas já defendem a prática do amor livre.

Esta prática fere frontalmente a lógica burguesa fundada no contrato de casamento, no ideal de monogamia e castidade feminina. Além do mais, afronta os preceitos da Igreja, nega ao homem a possibilidade de controlar a relação homem-mulher, a permanência da união. Transforma a relação de submissão numa relação de igualdade, na qual os dois, o homem e a mulher são os sujeitos. No imaginário burguês, o amor livre é sinônimo de prostituição. Para reforçar a diferença entre prostituição e amor livre Rago cita Oreste Ristori em (*A Terra Livre*, 2-4-1907) *No amor livre existe liberdade ilimitada para a mulher e para o homem a amarem quem eles quiserem*. A idéia de amor livre não é aceita, posto que iguala homens e mulheres, os aceita no mesmo degrau social, os admite livres e em estado de igualdade de direitos.

A sociedade dominante, ao culpar as mulheres pelas mazelas sociais, escondeu *debaixo do tapete* a grande contribuição dos homens da *boa sociedade* para o crescimento da prostituição. Pois estes homens eram os principais freqüentadores dos estabelecimentos. Apesar da grande discriminação às prostitutas, elas eram consideradas úteis nessa sociedade, pois eram responsáveis por *conter os impetos dos púberes* auxiliando na manutenção do equilíbrio social.

Deste modo, buscou-se apresentar os dilemas inquietantes para se refletir sobre a condição social da mulher e a prostituição moderna. Reflexão árida, por vezes revestida de certa crueza, posto que expõe o projeto do grupo social dominante o qual penalizou as mulheres ao submundo da exclusão. Capturou-as como foco, epicentro de um plano de soerguimento da sociedade fundada nos valores-pilares de uma *impecável* moral. Impondo

assim, às mulheres, uma dura condição social na qual são vistas como autoras das desgraças sociais e coadjuvantes no processo de construção social.

1.2 Natal: uma cidade cortesã

Natal, na época da guerra, era uma cidade pequena com cerca de 50 mil pessoas. Com a instalação da base aérea de Parnamirim aumentou consideravelmente a sua população para cerca de 85 mil pessoas, conforme afirma Protásio Melo, contemporâneo da Segunda Guerra Mundial, em seu livro *Natal na Segunda Guerra Mundial*:

A população foi aumentada em mais de 50%. Na época as autoridades calculavam um aumento de 55 mil para 85 mil, de 1941 para 1943. Aqui seriam incluídos os militares brasileiros que vieram em transferência natural e os civis de outras cidades do nordeste, estes atraídos pelos dólares americanos.⁹

A presença americana dinamizou a economia natalense e *encheu o bolso* dos comerciantes. Muitas pessoas enriqueceram rapidamente em poucos anos. Como é o caso de Nevaldo Rocha, encarregado do P. X. da Base que se tornou rico em razão da venda de relógios e assim construindo a base da sua riqueza para se tornar depois um homem rico com o grupo Guararapes. Um quadro da riqueza advinda da presença dos americanos em Natal é fornecido por Protásio Melo:

A cidade, os transportes, os bares são lotados. O comércio ampliou-se. Abriram-se novas casas de negócio, especialmente lojas de jóias e relógios, que os militares e civis compravam em profusão. Caríssimas se

⁹ MELO, Protásio Pinheiro de. *Parnamirim e Natal na 2ª Guerra Mundial*. Natal: PRAEU, 1982. p. 15.

tornaram as residências. Todos queriam alugar seus imóveis aos filhos do Tio Sam, que pagavam sempre em dólar.¹⁰

As escassas opções de divertimento limitadas às festas religiosas, aos bailes no Palácio do Governo e os pagodes na Redinha, logo foram ofuscadas pela febre do cinema que exercia forte atração aos jovens como refere um contemporâneo da época:

[...] eu ia lá. Todo mundo queria ver. A empregada do meu pai ia com agente. Aí o cinema era mudo. Embaixo do palco tinha uma pequena jazz-band formada por Alberto Moura, Paulo Lira no piano, o menino jazz-band, Tibiro na flauta, eram os [...] famosos daquela época, pela boemia e pelo instrumental que tinham. Aparecia uma cena e se era coisa meio fúnebre eles tocavam uma cena aproximada daquilo [...].¹¹

Neste contexto, a rua Doutor Barata situada no bairro da Ribeira, passarela de anônimos, tornava-se também lugar de famosos, dentre os quais Maria Oliveira Barros, proprietária da mais famosa boate da cidade conhecida por *Maria Boa* como afirma um comerciante da época em uma das vezes que a avistou: lá vinha ela [...] despertava a atenção, a mulher. Pela beleza, pela postura dela. Toda de linho branco. Sapatos brancos, bonitos.¹² Personalidades internacionais também compunham o cenário como era o caso de *Al Johnson, Dorothy Lamour, Kim Novak, Buster Crabbe, Frederich March, Joel McCrea, Joe Brow, Tyrone Power, Tommy Dorsey*.¹³ Lá, natalenses e estrangeiros se cruzavam em busca das melhores casas comerciais, da realização de negócios, de divertimento nos cafés, hotéis, restaurantes e nas *pensões alegres* (denominação das boates na época).

¹⁰ MELO, Protásio Pinheiro de. *Parnamirim e Natal na 2ª Guerra Mundial*. Natal: PRAEU, 1982. p. 15.

¹¹ Entrevista com Luiz G. M. Bezerra contemporâneo da Guerra.

¹² Idem.

¹³ LYRA, Carlos. *Natal do meu tempo. Crônicas natalenses*. Natal: EDFURN: Diário de Natal, 1999, p. 155.

Além das *pensões alegres*, para o deleite dos clientes mais ávidos por *diversão* passou-se a praticar um novo tipo de lenocínio que consistia no recrutamento de moças muito jovens para trabalhar nos bares e restaurantes a fim de atrair um maior número de clientes, conforme afirma Pedreira em sua análise sobre o carnaval na cidade do Natal em que se refere sobre a diversão nos bares: [...] estas meninas eram verdadeiras escravas brancas, pois além de mal pagas, mal alimentadas eram coagidas a trabalhar toda hora.¹⁴

Natal apresentava uma efervescente vida boemia propiciada pela circulação dos dólares norte-americanos. As ruas da Ribeira estavam tomadas pelas pessoas que sentiam uma esfuziante necessidade de aproveitar cada dólar adquirido. Os cabarés eram o ponto alto da vida boêmia. Lá, a *boa sociedade* aprendia a arte do prazer embora que para isso pagasse o preço de contrair as doenças venéreas.¹⁵

Embora o consumo tivesse aumentado consideravelmente, provocando uma sensação de euforia nas pessoas, parte da população reclamava da inquietação provocada pelos menores abandonados nas ruas da cidade, pois estes perseguiam os estrangeiros, faziam arruaça, apedrejavam casas, enfim perturbavam a paz na cidade¹⁶. Esse cenário faz supor que a vida na pacata cidade estava se transformando. Era o preço da modernidade também puxada a fórceps pela Guerra.

A presença americana também gerou muitos constrangimentos aos rapazes que viram aumentar a competição pelas mulheres da cidade. Vale lembrar que os norte-americanos exerciam grande fascínio sobre as moças, deixando a população masculina

¹⁴ PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)**.2004. p. 172. Tese (Doutorado) Unicamp, Natal.

¹⁵ SILVEIRA, Celso da. Linda pastorinha. **Crônicas natalenses: antologia**. Natal: EDUFRN: Diário de Natal, 1999. p. 85.

¹⁶ PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)**.2004. p. 173 Tese (Doutorado) Unicamp, Natal.

muito enciumada. Em razão dessa atração provocada entre os estrangeiros e as brasileiras aconteceram muitos casamentos.

Pedreira afirma a existência de competição não apenas pelas *moças de família*. Mas também, na zona do meretrício, onde brigas passaram a acontecer constantemente motivadas pelas mulheres e pela bebida, conforme reforça Pedreira numa entrevista a Francisco de França Filho, o qual relata:

Teve uma briga sobre a situação de mulher, no cabaré, com ingleses. O resultado é que o véio, meu pai, foi vítima. Sofreu com uma facada muito grande de um inglês, porque inglês gosta de faca, americano não. Trouxeram ele pra casa, aí os caras correram tudo... num foi ninguém preso.¹⁷

Vivia-se num tempo em que a *honra* era defendida a todo custo, assim, um *homem de verdade* não deveria perder uma mulher, principalmente para um *gringo*, valendo até mesmo arriscar a própria vida em razão dos seus desmedidos arrojados masculinos.

Pedreira, em comentário acerca do bairro da Ribeira relata sobre um local bastante freqüentado que deu lugar a muitas manifestações em defesa da *honra*. O Wander Bar, uma boate situada à Rua Chile, num sobrado que anteriormente acomodou o palácio do governo provincial e foi palco de desavenças e homicídios de alguns soldados que se metiam em confusão¹⁸. Nesse ambiente, a defesa da *honra* misturada com grande quantidade de bebida formavam o componente necessário para as costumeiras confusões.

O relato desses momentos vividos pelos natalenses durante o período bélico demonstra que a cidade já não era tão pacata como antes e, de certa forma, diluiu a crença

¹⁷ PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*. p.177.

¹⁸ Idem.

romântica da harmoniosa vida social no decurso da presença dos norte-americanos. Assim, a presença estrangeira não geraria apenas lucros, mas também um saldo negativo, no tocante ao aumento da violência. Essa situação refletia uma das mudanças acontecidas com a presença estrangeira na cidade. Os conflitos não se restringiam a áreas marginalizadas da cidade, mas também, a lugares onde circulavam pessoas da *boa sociedade*. No entanto, no mundo *marginal* os delitos se proliferavam com maior frequência, tendo como cenário [...] o Wander Bar, o Bar Quitandinha, na praça Gentil Ferreira no Alecrim, o Beco da Quarentena, o Grande Ponto, vários casos nas Rocas e na Ribeira, localidades muito freqüentadas pelos militares de baixa patente.¹⁹

A prostituição, atividade extremamente favorecida no período, constituiu um dos fatores que mais estimulou os conflitos, dado que havia muitas disputas por mulheres. Impossível aos americanos e aos adeptos da vida boêmia pensar Natal durante a Segunda Guerra sem as suas boates, sem as belas mulheres, tão desaprovadas pela sociedade, mas ao mesmo tempo tão desejadas.

Assim, em razão da Segunda Guerra e da conseqüente instalação de uma base aérea em Parnamirim, *parnamirim field*, delineou-se o cenário da cidade do Natal na década de 1940, configurando um espaço geográfico que irá obter o status de moderno em razão da tecnologia propiciada pela necessidade da extensão da base militar Aliada para Natal, pela intensa atividade comercial, pela diversão, incluindo-se nessas as boates que se sofisticarão tornando a tímida Natal do começo do século uma cidade com ares de cortesã, atrativa e sedutora a fim de atender a demanda dos estrangeiros que se divertiam sob os lençóis natalenses.

¹⁹PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)**. p.180.

2 A ALMA DA CIDADE DO NATAL

Nesta sessão buscaremos situar a boate *Maria Boa* como lugar de *diversão* na cidade do Natal durante o período da Segunda Guerra mundial. Analisando momentos do cotidiano desse espaço de *diversão*.

2- *Maria Boa*: a alma da cidade do Natal em 40

Durante a Segunda Guerra Mundial e a presença dos Aliados na Base Aérea construída em Parnamirim, a vida social natalense foi visivelmente intensificada, pois um considerável contingente de militares freqüentava a cidade em busca de *diversão*. Nessa época, os bordéis figuravam como a opção mais solicitada, já que a guerra era uma atividade praticamente masculina havendo uma reduzida presença de mulheres, casadas com militares.

As chamadas *pensões alegres*, como eram conhecidas as boates da época, fizeram jus ao seu designativo, dado o caráter festivo existente no decurso da presença estrangeira. Tais boates deveriam localizar-se em áreas mais reservadas da cidade, onde não existissem residências familiares. Esses estabelecimentos deveriam evitar qualquer contato com a área externa. A discricção era a palavra de ordem para manter o funcionamento do lugar sem problemas com a polícia. É o que relata Luna:

O som era ligado a partir das 20:00 e desligado às 02: horas da manhã. Os bordéis tinham uma luz vermelha que servia de aviso aos clientes, para o início da jornada noturna. Essa luz era acesa a partir das 20:00 horas com a permissão do delegado, responsável pela delegacia de

costumes, que designava quem deveria acender a luz, se alguém do cabaré ou um de seus agentes.²⁰

O relato mostra a existência de uma certa ordem no funcionamento de algumas boates e de regras a serem cumpridas pelos proprietários do estabelecimento. Contudo, essa situação é presente em tipos de boates com uma estrutura de funcionamento melhor, posto que nem todos possuíam uma estrutura favorável ao cumprimento de regras, pois eram extremamente precários.

A cidade tinha muitas boates como a Arpege, a Casa de Rita Loura, a Pensão Ideal, Alabama, Rosa de Ouro, Coimbra e a Plaza. Sendo estas, lugares mais organizados. Mas, para aqueles que não dispunham de condições financeiras para freqüentar as casas melhores, existiam as boates da Ribeira citadas por Luna: [...] havia os bordéis de nível popular na rua 15 de novembro e no beco da Quarentena, localizados no bairro da Ribeira [...].²¹ Nessas boates, o acesso dos freqüentadores era mais fácil em decorrência dos preços baixos ocasionados pela baixa qualidade que ofereciam. O cronista Lauro Pinto apresenta em sua obra *Natal que eu vi* uma afirmação sobre as boates da Ribeira:

[...] a Ribeira teve a pouca sorte de ser a Capital Federal da prostituição profissional. Ali o meretrício era franco e escandaloso e até funcionando perto das casas de famílias. Na Ribeira sempre existiram as pensões alegres mais ricas e bem servidas, como outras mais modestas. Da boate mais granfina até o sórdido, imortal e já tristemente célebre Beco da Quarentena.²²

²⁰ FREIRE, Rasland Costa de Luna. *História dos cabarés de Natal nas décadas de 1940 e 1950*. Natal, 1993. p. 13.

²¹ Idem, p. 13

²² PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971. p. 30.

Mas, segundo Lauro Pinto, no livro *Natal que eu vi* o Passo da Pátria era a expressão mais próxima da degradação:

* [...] Havia um batalhão de mendigos, cegos, aleijados e ébrios. [...] Era o lugar mais sujo, pobre e desgraçado de Natal. Ali viviam as raparigas mais sórdidas, doentes e desgraçadas, cachaceiras, imorais e infelizes de Natal e talvez do mundo. Ali havia mais fome, doença e miséria do que obscenidade ou prazer sexual. Ali a condição humana atingiu o máximo em infelicidade e degradação. Tanto assim que o maior desaforo e a ofensa mais ferina era o de chamar a qualquer meretriz, mesmo sendo de baixa classe, de puta do Passo da Pátria.²³

Assim, pode-se perceber que as partes marginalizadas da Ribeira ainda conseguiam ser superadas pelas do Passo da Pátria. As pessoas que lá moravam eram enquadradas dentro de um mesmo modelo estigmatizador. Havia segregação de toda espécie. Contudo, as prostitutas eram o alvo dessa exclusão social e a sua prática era considerada a mais degradante.

Entretanto, na Cidade Alta, figurando como a mais requintada boate da cidade estava *Maria Boa*. Esta boate diferenciava-se das outras a começar pela localização, pois estava situada na Cidade Alta, distanciando-se da maioria das outras boates que estavam localizados na Ribeira. Também se destacava, devido ao alto padrão de qualidade sendo freqüentado por comerciantes prósperos, pelos militares de alta patente presentes na cidade por ocasião da guerra e por políticos do estado.

Nessa época, a boate de *Maria Boa* recebia o alto oficialato norte-americano que em busca de diversão elegeu o ambiente para *aliviar as tensões da guerra*. Além disso, havia o

²³ PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971. p. 40.

desejo de garantir certa reserva mesmo fora dos quartéis. Procurando também um bom padrão de qualidade oferecido somente neste estabelecimento, considerado de luxo.

A cidade que ganhou contornos de *moderna* não estava preparada para a modernização de certos valores morais, como, por exemplo, a aceitação de uma conduta que não excluísse o sexo da vida das pessoas. Mas, como essa convivência com o sexo era difícil a *boa sociedade* tolerava as boates, aliás, não se falava sobre isso apenas se aceitava. Essa visão presente na sociedade da época pode ser reforçada a partir do relato de Luiz G. M. Bezerra: [...] A impressão que eu tenho...[...] o movimento não era adequado para a sociedade, mas pelo menos ali eu verifiquei que ela (proprietária) mantinha a ordem [...] era muito recatado o ambiente [...].²⁴

A boate *Maria Boa* criada nessa década consolidou-se como uma boate de renome internacional sendo freqüentado pelas mais diversas personalidades. Os dólares afluíam para o estabelecimento com intensidade. *Maria Boa* tornou-se uma referência para a cidade. Ao chegar em Natal, era preciso conhecer a boate de *Maria Boa*. A elite deleitava-se no lugar da exclusão, num espaço que ela autodenominou como responsável pela degenerescência. Entretanto, a atração exercida pela boate de *Maria Boa* acabaria por calar a *moral* da elite e, ao invés do lugar da transgressão, este se tornaria um lugar para uma *individualidade requintada*.

Mas, com o fim da guerra e o conseqüente retorno dos americanos à sua terra houve um desaquecimento do comércio, das diversões e das boates. Diminuiu consideravelmente o afluxo de capital. Protásio Melo afirma que:

²⁴ Entrevista com Luiz G. M. Bezerra, comerciante.

A cidade ficou órfã. Todos sentiram a saída dos yanques. Quando os americanos foram embora foi uma tristeza... igual uma carga tivesse morrido. Acabou a fonte material, a fonte de dinheiro. Quem tava ganhando dinheiro dos americanos em todos os lugares ficou na pindaíba.²⁵

As boates foram sensivelmente prejudicadas pela saída dos norte-americanos e dos seus dólares. Embora os anos de guerra tenham proporcionado prazer econômico e sexual alimentando o gosto pela vida boêmia tornou-se difícil manter os estabelecimentos somente com a demanda de clientes locais. Até o estabelecimento de *Maria Boa* considerado de luxo sentiu a ausência da dinâmica presença estrangeira na década de 40. Na guerra também havia *prazer*. Um prazer que assumira uma singularidade dos anos quarenta, de uma situação de guerra, do temor da morte. A moral elitista aceitava a *perversão* de frequentar as boates, acatou-as e, também, a *Maria Boa* como a alma da cidade do Natal durante a Segunda Guerra Mundial.

2.2 Um cotidiano de *pecado*

A vida cotidiana em *Maria Boa* acompanhava uma dinâmica comparável a de algumas boates francesas de fins do século XIX, pois as mulheres que desejavam trabalhar em *Maria Boa* passavam por uma seleção rigorosa onde se observava desde os atributos físicos até a sua conduta social. Conforme afirma uma das mulheres que lá trabalhou: Se tivesse qualquer defeito, se fosse viciada, lá não aceitava²⁶. Assim, *Maria Boa* formou o seu contingente de *meninas*. Sempre primando pela beleza e educação das moças. Fator, aliás,

²⁵ Entrevista com Protásio Pinheiro de Melo, professor.

²⁶ Entrevista cedida a autora em 23/04/2004 por Isabel, trabalhadora do sexo na boate *Maria Boa de 1980 a 1995*.

bastante referido pelos entrevistados, pois se havia algo que marcasse o estabelecimento era o tratamento cortês dispensado aos clientes.

As mulheres que lá trabalhavam vestiam-se impecavelmente desde a fundação da casa na década de 40, até por volta de meados da década de 80. Assim, em entrevista, uma das mulheres da boate de *Maria Boa* relatou: A gente tinha que usar até meia. Era todo mundo bem vestida e maquiada. Calça comprida, a gente só podia fazer o salão [...] aos sábados. De noite não, era longo, era roupa de noite.²⁷

Maria Boa diferenciava-se das demais boates da cidade pela organização e padrão de qualidade, tanto das trabalhadoras do sexo quanto do ambiente. A boate de *Maria Boa* era administrada para funcionar eficientemente desde a entrada que dispunha de seguranças, no bar onde existiam garçons em número razoável para atender aos clientes, na parte da segurança, passando pela gerência até às moças rigorosamente selecionadas. Esse sistema de trabalho prevaleceu até próximo ao fechamento da Casa em 1995.

Além da exigência de belas mulheres, principalmente nas primeiras décadas, havia também um cuidado especial com o ambiente. Conforme os relatos este era bastante agradável:

era uma casa muito grande de salões amplos e ela ajeitou duas ou três salas numa só, e ali era o ambiente para receber [...]’.²⁸

‘[...] Era um ambiente com luzes não muito fortes, meio difusas. Um ambiente muito bom, mesas devidamente cobertas, as mulheres bonitas.’²⁹

²⁷ Entrevista cedida a autora em 06/04/2004 por Cecília, trabalhadora do sexo na boate *Maria Boa* de 1975 a 1995.

²⁸ Entrevista com Luiz G. M. Bezerra comerciante.

²⁹ Entrevista com o professor Protásio Melo.

Ainda seguindo o padrão de estabelecimentos europeus, durante algum tempo, a proprietária do local, Maria Oliveira Barros morou na própria boate conforme afirma Cecília que lá trabalhou durante muitos anos: [...] tínhamos quartos [...] pra o lado de cá onde era a suíte dela, porque teve uma época que ela morava lá mesmo, dentro da boate [...].

Além de oferecer um espaço confortável a boate também dispunha de espaços reservados para aqueles que não queriam ser vistos de acordo com o depoimento de Cecília que lá trabalhou durante três décadas:

Para aquelas pessoas que não queriam aparecer, entrar por aquele salão principal. Então, nós tínhamos essa outra sala em que entravam as personalidades, esses homens ... enfim ricos que não queriam passar pelo meio do salão [...].

Muitas mulheres trabalhavam e moravam em *Maria Boa*. Lá, existia uma disciplina rígida quanto aos horários da Casa. Como apresenta a Isabel que trabalhou de 1980 até 1995 e morou durante alguns meses no estabelecimento:

Horário. 8h da manhã todo mundo arrumado, elegante pra o café da manhã. Voltava pra seus quartos, lá. Cada uma tinha um quarto. Voltava e... ia dormir, botar creme no corpo. De 12h a 13h da tarde, o almoço. Cozinha internacional. [...] Se chegasse de 1h e 05 minutos não comia mais [...].

As mulheres que moravam em *Maria Boa* deveriam estar sempre muito arrumadas, com os cabelos muitos bem cuidados, deveriam usar cremes no corpo e descansar para estarem bem à noite.

Essas mulheres deveriam apresentar uma postura muito profissional evitando qualquer excesso. Do contrário eram advertidas. Numa das entrevistas foi citado o caso de

uma mulher que tinha um amante e este ao ir buscá-la não aceitava que ela ficasse com homem algum, inclusive chegando a espancá-la no próprio local de trabalho. Ela foi advertida em razão disso. Inclusive, conforme relata a própria entrevistada, Maria Barros, a proprietária da boate a teria aconselhado a livrar-se de tal situação.

Uma outra exigência da casa, segundo as mulheres, era quanto aos exames ginecológicos regulares como prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Em razão da grande preocupação em combater as doenças venéreas, realizavam exames periódicos a fim de evitar o contágio aos clientes. Esse medo era explicado pelo impacto que uma contaminação em grande número poderia causar. Uma das épocas mais difíceis foi durante a década de 80 quando a AIDS foi divulgada, onde o movimento de clientes declinou consideravelmente conforme afirmou Cecília uma trabalhadora da época: [...] Agora no tempo da AIDS, foi aquela época que paralisou. Quase não ia ninguém lá. Mas, logo quando eu fui pra lá (1975), era muita gente.

Alem da questão sanitária, a construção dos novos modelos de comportamento, ora em curso, funcionava como um complicador para as boates dado que o sexo não estava mais restrito a esses estabelecimentos. Havia uma possibilidade de liberar a sexualidade com menos culpa, embora a conduta moral recomendável insistisse em preservar os padrões existentes.

Em fins da década de 70, teve início um processo de declínio, sentido nos mais variados aspectos de funcionamento do local. Podendo-se destacar no aspecto de vestuário feminino, com o uso de roupas menos requintadas; uma menor freqüência das personalidades da elite da cidade, inclusive na própria forma de abordagem dos clientes às mulheres. Pois, nos tempos áureos, os homens sentiam-se mais à vontade para convidar as mulheres a sentarem-se em sua mesa, no entanto, com o passar do tempo, verificou-se uma

mudança de comportamento na forma de abordá-las, pois as mesmas passaram a tomar uma maior iniciativa em função do processo de liberação sexual feminino. Essa mudança é atribuída ao processo de flexibilização dos valores sociais que passaram a encarar o sexo como algo mais aceitável. Antes, o sexo era tolerado desde que confinado nos espaços que não agrediam a *boa sociedade* natalense.

A entrevista de Cecília deixa clara a mudança de valores da época:

[...] veio aquela onda de motel que quase não tinha em Natal. Então cada homem que tinha a sua namorada, a sua amiga, enfim motel. [...] foi caindo muito por conta disso, lógico. **Iam ainda lá. Mas, não era como no início que não tinha motel, não tinha essa facilidade das namoradas chegarem e entrar no carro e, daí mesmo [...] ir pro motel [...].**³⁰

Além dessa determinada liberalização sexual, o estado de saúde de Maria Barros também é referido como uma causa para o encerramento das atividades de *Maria Boa*. Aconteceu uma espécie de desinteresse da família em continuar o negócio. Assim procedeu-se a venda de parte do patrimônio construído a fim de terminar com a atividade.

Algumas profissionais do sexo questionaram na justiça os seus direitos trabalhistas alegando o não cumprimento dos acordos. No momento, o reclame trabalhista encontra-se nos depósitos do superior tribunal de justiça no aguardo de apreciação judicial.

A história da boate de *Maria Boa* é um fragmento da história do Natal que essas mulheres medrosas, corajosas, sonhadoras, perspicazes, conscientes e inconscientes ajudaram a escrever. As suas ações, julgadas, e por muitos condenadas submetem-se a análise da ciência histórica na tentativa de representar de modo mais coerente valores da sociedade natalense do século XX.

³⁰ Entrevista com Cecília, trabalhadora do sexo na boate *Maria Boa*.

3 (DES) FAZENDO A VIDA

Neste capítulo, delinearemos os dilemas da prostituição na cidade do Natal, tomando como foco o bordel de *Maria Boa*. Além disso, buscaremos analisar algumas trajetórias de vida, encaminhadas em razão do fechamento da boate.

3.1 Dilemas da prostituição em Natal

Refletir sobre a prostituição nos remete à discussão estabelecida por Rago acerca da condição social no fim do século XIX, e, especialmente, da feminina, na qual o sistema econômico é responsabilizado pela exclusão social. Esse pensamento atribuiu à pobreza a culpa pelo ingresso das mulheres na prostituição, posto que se justificava a miséria financeira como consequência desse sistema econômico e a causa do desenvolvimento da prostituição. Contudo, analisando a outra face da questão, percebe-se que a ausência de recursos para sobreviver não justifica, por si só, a prática da prostituição. Outros elementos, já discutidos na primeira parte do trabalho, mostram-se imbricados à situação econômica favorecendo o desvendamento deste fenômeno.

Ao refletir sobre a prostituição moderna traçamos um paralelo com a condição de vida fabril das mulheres e percebemos a existência de uma conduta de regras semelhante para a operária fabril e a prostituta. Com isto, convenciamos tratar as prostitutas por trabalhadoras do sexo.

Ao entrevistar as trabalhadoras do sexo identificou-se que elas, em sua maioria, apresentam a falta de recursos financeiros como o fator-causa da prostituição. Mostram a importância da sua profissão para auxiliar a família, ou até mesmo, para garantir a sua

subsistência. A tarefa de servir como esteio da família alivia e, de certa forma, justifica o grande peso que representa para suas vidas a prostituição.

Há no pensamento da maioria das mulheres que trabalham com o sexo uma culpa imensa pela atividade que exercem. Em geral, elas não aceitam o que fazem. Apenas convivem com a profissão. Isto reflete a sólida construção de valores da elite no imaginário dessas mulheres que não se vêem como trabalhadoras, mas como mulheres que praticam atos de transgressão por dinheiro e, assim, representam a escória, o delito, a perversão. Praticam algo que se esconde *sob as noites escuras* ou nos comércios requintados, ou mesmo nos fétidos e camuflados locais que recebem a designação contemporânea de *bar*. Nesses lugares onde quase tudo é permitido a mulher se vê como alguém degenerada. Assumindo o papel de sujeito-solitária da prostituição – é alguém que comete um pecado sem chance de perdão, embora o homem seja co-autor da sobrevivência de tal atividade. No entanto, é a mulher que, em geral, assume sozinha o ônus social pela prática da prostituição. Essa responsabilidade implica sustentar uma carga de culpa extenuante para a mulher que busca refúgio, muitas vezes, na religião.

Mostrou-se comum as entrevistadas apresentarem com fervor uma opção religiosa, como se a freqüência aos cultos religiosos as eximisse de parte da culpa pela vida de *mulher de vida fácil*. O caráter sagrado da religião e o profano da prostituição entrecruzam-se a todo o momento de forma a acentuar a *grande culpa*. A ida à igreja cria um sentimento ambíguo, pois ao mesmo tempo em que acentua a sensação de proximidade do papel da mulher como uma *pecadora normal*, a qual adquire a oportunidade de absolvição dos pecados, também reforça a grande degenerescência em que consiste a prostituição, numa sociedade de modelos em que a atividade consiste na *profanação* do próprio pecado tornando impossível o seu perdão.

Embora se perceba a ambigüidade do sentido da religião na vida das trabalhadoras do sexo, esta se reveste de um sentido regenerador, de bálsamo para a dor de consciência pelo fato de exercerem uma *profissão* considerada vil.

Também por esta *culpa* torna-se imprescindível justificar a prostituição como algo inevitável, posto que a condição social não deixa alternativa. Assim, o *dinheiro sujo* passa a ser *dinheiro quase sagrado* já que representa a fonte da subsistência.

O caráter regenerador que o dinheiro assume pode ser identificado em uma das entrevistas com a trabalhadora do sexo Isabel que afirmou:

Eu trabalhando como doméstica meus filho passava fome e... como eu tinha um corpo bonito e me dizia que eu era bonita e que se eu fosse pra uma boate eu ganhava dinheiro aí eu vivia escutando isso, mas não levava a sério. Aí um dia eu fui conhecer a melhor boate que tinha aqui dento de Natal. Aí decidi. Lá ("Maria Boa") eu decidi a ficá. Tanto que o salário que eu ganhava na casa da minha patroa em um mês, eu ganhei lá em uma noite [...].³¹

Um outro aspecto observado na situação analisada é no tocante a rotina de trabalho e às obrigações a serem cumpridas pelas trabalhadoras do sexo aproximando-as da realidade de imposição das regras fabris. Posto que havia exigência quanto ao horário de trabalho e ao comportamento configurando uma situação de imposição de um rígido disciplinamento. Demonstrando assim uma forma semelhante de ordenação identificada no começo do século XX, nas fábricas brasileiras.

Muitas dificuldades enfrentadas nas unidades fabris do processo de industrialização brasileiro na transição dos séculos XIX e XX apresentam uma relação direta com as dificuldades da atividade da prostituição. Podendo-se destacar a questão da insalubridade

³¹ Entrevista concedida a autora em 23/04/2004.

como fator altamente perigoso para a vida das pessoas. Nas fábricas, o operariado sofria pelas doenças respiratórias, pela ameaça constante da temida tuberculose, enquanto que nas boates havia a ameaça das doenças sexualmente transmissíveis e da aterrorizante sífilis.

Em Natal, desde a primeira república, já se demonstrava preocupação com a questão sanitária, baseada na *teoria dos miasmas* buscava explicar as causas dos surtos e doenças surgidas.³² Os relatórios de Inspetores de Saúde Pública e de Presidentes de Província reiteraram seguidamente reclamações sobre as péssimas condições sanitárias da cidade, principalmente nas localidades da Ribeira, Rocas, Baldo, Areal e Passo da Pátria.³³

Contudo, nos anos 20, o médico e sanitarista Januário Cicco faz referência ao trabalho do governo estadual, no sentido de manter instituições de assistência pública médico-hospitalar de combate à sífilis. [...] Aliás, o autor informa, com certo orgulho, que antes mesmo de São Paulo e Paraná, estados riquíssimos e civilizados, o Rio Grande do Norte, não obstante sua pobreza, já praticava a profilaxia anti-venérea.³⁴

Tal afirmação faz supor que, na década de 20, os registros de casos de sífilis em Natal incomodavam o poder público provocando uma determinada ação por parte deste. No caso de *Maria Boa* o tratamento das doenças aparentava ser uma exigência do estabelecimento em razão da preservação da sua imagem.

Ao longo da existência da boate de *Maria Boa*, a preocupação em manter o controle sanitário sobre o espaço e sobre a saúde das mulheres era uma constante. Para isso, era

³² LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

³³ LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. Natal: Sebo Vermelho, 2003. p.25.

³⁴ LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. Natal: Sebo Vermelho, 2003. p. 30.

exigido que estas fizessem exames periódicos a fim de controlarem doenças conforme afirmou Isabel:

[...] Tinha que ir ao médico todas as semanas fazer exame. Na época, ninguém usava camisinha [...] então agente tinha muito cuidado. [...] Fazia exame de lâmina pra saber se tinha alguma bactéria. Se tivesse ia se tratar, só voltava ao salão quando tivesse boa.³⁵

As doenças venéreas provocavam um grande medo nas mulheres, pois através delas podiam perder o trabalho. Além disso, sustentavam o estigma de propagadoras da doença, posto que não recaía sobre o homem a responsabilidade sobre sua contribuição à expansão da doença.

Assim, a sociedade reproduzia valores aparentemente consolidados sem que houvesse a necessidade de qualquer questionamento, fazendo supor ao homem que tudo era permitido. Assim, este podia freqüentar as boates, transmitir sífilis à esposa, transitar no espaço da moral e da degenerescência com certa aceitação social. Imperava a lei do silêncio, na qual a sociedade não discutia, mas aceitava certas práticas sem refletir sobre elas.

No entanto, por sobre as certezas *tão certas* germinava uma nova concepção acerca da condição feminina e do sexo. A liberação sexual dos anos sessenta plantaria a sua semente, constituiria o seu legado inspirando toda uma juventude a transcender as barreiras, até então, inflexíveis. O surgimento e a expansão da pílula anticoncepcional iniciaria decisivamente um processo de transformação na vida sexual das mulheres. Com isso, uma série de valores, antes *absolutos*, iniciaram um processo de decadência gradual e prepararam o terreno para o enfraquecimento das verdades *inquestionáveis*, abrindo espaço

³⁵ Entrevista cedida a autora em 23/04/2004.

para uma nova mentalidade que colaborará para o declínio das casas de venda da atividade sexual e, assim, da mais famosa boate de Natal: *Maria Boa*. Era o início do fim.

2. Des(fazendo) a prostituição depois de *Maria Boa*

O fechamento da boate *Maria Boa* produziu um imenso vazio na vida das mulheres que lá trabalharam. Percebe-se que ficou um misto de vergonha e orgulho dessa época de suas vidas que trabalharam. De acordo com o relato de Isabel, empregada na boate:

[...] As pessoas nunca deixam de me apontar...Ah! essa daí trabalhou lá em Maria Boa. Ou! Num gosto. Mas, já que eu não posso negar, confirmo. As pessoas falam sobre Maria e me chamam pra confirmar. Se eu pudesse eu esconderia isso.[...] Até me sinto orgulhosa. Tenho honra em ter trabalhado em Maria Boa. Palavra mais certa. Não era toda mulher que trabalhava lá não. Tinha que ter elegância e caráter [...].

Assim, o relato apresentado por Isabel expressa a ambigüidade sentida pela mulher que num determinado momento tenta esconder a profissão, mas em outro demonstra-se envaidecida.

Para as mulheres que deixaram a prostituição há muito receio em revelar a sua vida *pregressa*. Em geral, reservam-se, fogem do passado e evitam comentá-lo.

A partir do encerramento da boate, muitas vidas tomaram os mais variados destinos. Para alguns significou o fim da jornada, enquanto para outros, a continuação de uma longa trajetória que implicava aceitar uma realidade diferente daquela dos *bons tempos* de *Maria Boa*, nos quais havia um largo mercado para a atividade, diferentemente do presente, onde se delineia uma nova situação deste fenômeno. Embora exista mercado, a prostituição

contemporânea assume uma nova forma e ultrapassa os limites dos *guetos*, estendendo-se para além das áreas de exclusão, ocupando as ruas da cidade.

Em geral, as trabalhadoras do sexo da boate *Maria Boa* consideravam a sua atividade uma profissão. Contudo, não tinham coragem para apresentá-la como tal e preferiam autodenominar-se de garçõete e vedete. Sentiam que parte da clientela não considerava a prostituição uma profissão. Alguns a tratava como um ato de transgressão dos valores morais existentes praticados por mulheres que optavam por uma forma de *vida fácil*.

A prostituição não possuindo o reconhecimento social como profissão, marginalizava cada vez mais a trabalhadora do sexo, dado que não havia e continua sem existir aceitação legal.

Ao encerrar as suas atividades, a boate *Maria Boa* foi alvo de uma ação judicial que reclama o descumprimento dos direitos trabalhistas das trabalhadoras do sexo provocando o estabelecimento de um processo judicial por estas mulheres.

As mulheres que saíram e aquelas que continuam exercendo a prostituição referem-se à profissão como sendo muito difícil e perigosa. As primeiras expressam um sentimento de alívio, ao passo que as outras, as que permaneceram, enfatizam a difícil vida das trabalhadoras do sexo.

A dificuldade na vida destas mulheres ultrapassa as fronteiras da profissão invadindo outros espaços. Para ser mais bem aceita é preciso esconder o passado e esforçar-se no presente para se regenerar da existência passada *corrupta*. Esta situação está expressa de modo transparente na afirmação de Cecília quando questionada se na ida à igreja (lugar de grande frequência da entrevistada) era alvo de alguma forma de discriminação:

Não, não. Porquê primeiro, essa parte de pessoas que frequenta a igreja que eu frequento, nem quase todo mundo me conhece, sabe da minha vida. Só uma moradora daqui. Talvez uma meia dúzia. Mas, nunca ouvi nenhum comentário. Nunca, nunca, nunca. Sempre me trataram igual. Não sei se é porquê eu sempre fui muito discreta. Nunca misturei as coisas. Entendeu?.³⁶

A ida à Igreja nos remete as outras questões importantíssimas na vida dessas mulheres, que consiste em entender a possibilidade do sentido da religião para elas. A adoção de uma religião, no caso em questão, predominando a católica, reflete o ato de fé que a reabilita, a coloca junto das pessoas que tem uma *vida normal*.

Em entrevista Cecília contribui afirmando do desrespeito à profissão de prostituta, onde algumas pessoas a desclassificam:

[...] tem pessoas que não chama nem de profissão. Mas, eu quero [...] dizer que é uma profissão e muito difícil. [...] Porquê tem pessoas que dizem: é vida fácil... vida fácil é a tua, você não conhece a minha. Mas que realmente é uma profissão muito difícil quando você encara com responsabilidade [...].³⁷

Com o fechamento da boate de *Maria Boa* constatou-se diferentes rumos tomados pelas mulheres que lá trabalhavam. Um abandonaram a profissão, pois já se preparavam para isso, dado que o exercício da profissão exige atributos inerentes a pessoas com certo vigor físico. Outras continuam trabalhando, às vezes, nos piores lugares da cidade. Sem condição de manter-se levam uma vida de privações.

Os depoimentos revelam que o receio de quem permanece na prostituição é *caminhar na noite escura* sob as sombras da miséria, da degradação, da incerteza. Temem a

³⁶ Entrevista concedida a autora em 06/04/2004.

³⁷ Idem.

instabilidade. Para aquelas que conseguiram sair da prostituição predomina a idéia do dever cumprido, posto que a profissão requer dedicação e energia.

Para as mulheres que trabalharam por muito tempo em *Maria Boa* parece que suas vidas passaram a ser avaliadas tomando a boate como referência. A marca da boate *Maria Boa* proporcionava uma sensação de garantia material, sobretudo para as mulheres que viveram nos momentos de prosperidade.

A boate de *Maria Boa* marcou decisivamente a vida das *suas* mulheres, que ao ingressar no estabelecimento adquiriam uma nova forma de relacionar-se baseada nas exigências de comportamentos difundidos na boate. Essa nova concepção adquirida sobre a vida, sobre a prostituição, despertou nas trabalhadoras do sexo sentimentos e comportamentos que demonstram a adoção de um novo modelo de condutas. Surge uma necessidade de se vestir melhor e de apresentar educação e fineza.

Ao analisar formas de vida de mulheres que trabalharam em *Maria Boa* pudemos perceber o sentido de dubiedade conferido à profissão que, por vezes, é referida com certo orgulho em razão dos perigos enfrentados para o seu exercício. De outro lado, percebe-se uma tentativa de negação da profissão sugerindo, desse modo, a existência de um pensamento conflituoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para representar a boate *Maria Boa* como lugar de *diversão*, *mergulhamos* na história da cidade. Percebemos que a formação urbana posta expressava um momento singular na vida das pessoas do século XX. Isto acontecia em razão do contato entre os natalenses e os estrangeiros combatentes durante a Segunda Guerra Mundial em Natal.

A presença dos norte-americanos na cidade originou um sentimento de valorização do estrangeiro. Criou-se uma preferência pelos estrangeiros, tanto da parte das moças que pretendiam namorá-los, quanto pelos comerciantes e proprietários de imóveis que alugavam casas, preferencialmente para os *gringos*.

Percebeu-se que a cidade adquiriu um vigor proporcionado, sobretudo, pela circulação do dinheiro americano nos estabelecimentos comerciais. Desde casas de comércio até as *pensões alegres*, as *verdinhas* ditavam as regras.

Percebemos a possibilidade da exclusão na exclusão. Assim, constatamos a partir das boates do beco da quarentena, o epicentro da *marginalidade*. Frequentadas por pessoas de um poder econômico desfavorecido. Em contraposição, *Maria Boa* representava a boate higienizada e lugar da elite.

Ao analisar a boate *Maria Boa* percebemos que o seu crescimento refletiu o desenvolvimento da cidade do Natal numa relação de proporcionalidade direta.

Ao *entrar* na boate *Maria Boa* percebemos um cotidiano de regras rígidas, com horários de chegada e saída a serem *religiosamente* cumpridos. Além disto, identificamos o estabelecimento de um modelo de condutas a ser executado por todos, permeado por relações de cordialidade entre as trabalhadoras do sexo, entre estas e a proprietária da boate e os seus clientes.

Esta boate se diferenciou das outras por oferecer um atendimento voltado para uma elite. Circulavam nesse espaço figuras da alta sociedade natalense, como ricos comerciantes, políticos locais e militares de alta patente participantes da Segunda Guerra Mundial.

Contudo, apesar da aparente tranqüilidade na vida das trabalhadoras do sexo, diversas inquietações permeavam o seu cotidiano. Algumas mulheres demonstravam um pensamento extremamente ambivalente quanto ao reconhecimento da atividade. Assim, a profissão era considerada importante, posto que favorecia a subsistência. Por outro lado, um forte sentimento de negação a condenava.

Percebemos a importância da religião expressa por algumas mulheres como uma forma de minimizar o *pecado* decorrente da profissão, para que assim, tivessem alguma possibilidade de serem *reintegradas* socialmente. A religião consistia para essas mulheres na possibilidade de transitar entre o mundo da *boa sociedade* e dos excluídos, do qual faziam parte.

Constatamos a dificuldade das trabalhadoras do sexo em deixar a profissão, dado que havia um grande receio de que não fossem aceitas pela sociedade. Em razão disso, as mulheres que se afastavam da profissão preferiram *esconder* o passado como forma de assegurar um retorno tranqüilo à *boa sociedade*.

Embora a boate *Maria Boa* se diferenciasse de inúmeras outras da cidade, em função do refinamento dos tempos iniciais, percebeu-se que constituía um lugar de diversão havendo a adoção de práticas consideradas transgressoras. Assim, a elite a freqüentava em busca de um *divertimento* que só uma prática do submundo da exclusão poderia oferecer, embora num ambiente refinado. Nesse sentido, a crítica pretendeu marcar o tratamento

dúbio de uma sociedade que condenava a *perversão* representada pela boate, mas que ao mesmo tempo a *alimentava*.

Buscando perceber representações do passado da cidade e de atores sociais, analisamos as diversas fontes pesquisadas. Procuramos ouvir as vozes conscientes e inconscientes das pessoas, numa atividade de profunda observação, como esforço para compreender os gritos e o silêncio de um tempo que passou. Iniciamos um movimento de construção baseando-se nas certezas *tão certas* e nas lacunas produzidas pela sociedade da época. Trabalhamos na perspectiva de representar o movimento que a sociedade fez em dado momento, embora consciente das nossas limitações por termos partido de um ângulo diverso: do presente.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses, 1830-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo Livro, 1991

BRIGNOLI, Héctor Pérez; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1983

CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

CRÔNICAS natalenses: Antologia. Natal: EDUFRN, 1999.

BRASIL . Constituição (1988). Artigos nºs 5, 6, 7, 170 e 193. Brasília, 1988.

FREIRE, Rasland Costa de Luna. **História dos cabarés de Natal nas décadas de e 1950**. Natal, 1993.

FOR ALL: comédia. Dir. Luis Carlos Lacerda, Buza Ferraz.. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1997. 1 fita de vídeo (90 min.), sonoro, colorido. ✓

IMAGEM de imagem: documentário. Dir. Josimey Costa, Rot. Josimey Costa, Petras Furtado. Natal: TV Universitária, 1998. 1 fita de vídeo (23'44''), sonoro, colorido. ✓

LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal: Januário Cicco, 1920**. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer: Natal**. Natal: EDUFRN, 2000.

MELO, Protásio Pinheiro de. **Parnamirim e Natal na 2ª guerra mundial**. Natal, PRAEU, 1982.

MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.) SEVCENKO. Nicolau. **História da vida privada no Brasil**.. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.367-421.

NATAL na Segunda Guerra: documentário. Dir. Maurício Pandolphi. 1 fita de vídeo. Natal: TV Universitária, 1997. 1 fita de vídeo (1h53m), sonoro, colorido. ✓

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal de 1889 a 1913**. Natal: EDFURN, 1999.

PEDREIRA, Flávia de Sá. Do off limits ao dólar line. In: **Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)**. 2004. Tese (Doutorado em História social) – Campinas, 2004.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal: Imprensa Universitária, 1971.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SMITH JÚNIOR, Clyde. **Trampolim para a vitória: os americanos em Natal**. Natal:UFRN/ Ed. Universitária, 1992.

SOUZA, Eloy de. **Costumes locais**. Natal: Sebo Vermelho, 1999.